



BACHARELADO EM
ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

TERMO DE APROVAÇÃO

VITTORIO RANGEL CREDIDIO ZAMPIERI

COMERCIALIZAÇÃO DE ARTESANATO, ECONOMIA SOLIDÁRIA E METODOLOGIA DE INCUBAÇÃO A LUZ DA PEDAGOGIA PARA A AUTONOMIA: A EXPERIÊNCIA COM O GRUPO ENCONTRO DAS ARTES

Artigo Científico aprovado pela Banca Examinadora do Curso de Administração
Pública da Universidade Federal Fluminense – UFF

Volta Redonda, 28 de Março de 2016

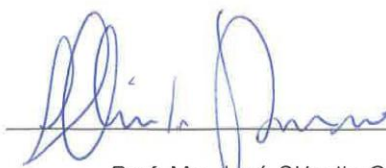
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Luís Henrique Abegão, UFF



Prof. Me. Carlos Frederico Bom Kraemer, UFF



Prof. Me. José Cláudio Garcia Damaso, UFF



BACHARELADO EM
ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO
Comercialização de artesanato, economia solidária e metodologia de incubação a luz da pedagogia para a autonomia: a experiência com o grupo Encontro das Artes

Vittorio Rangel Credidio Zampieri – 11174020 – UFF/ICHS

Resumo

Este trabalho foi resultado do projeto de incubação, pesquisa e extensão realizado através da parceria entre o grupo do Programa de Educação Tutorial - Gestão Social e a Incubadora Tecnológica de Empreendimentos de Economia Solidária do Médio Paraíba, ambos da Universidade Federal Fluminense, junto a um grupo de artesãos do município de Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro. O objetivo dessa pesquisa foi o fortalecimento da cooperação e da autonomia de grupo a partir da utilização de metodologias participativas. O processo de pesquisa teve como base a metodologia da pesquisa-ação aliada à pedagogia da autonomia, como forma de intervir junto ao grupo de artesãos, visando a expansão das potencialidades educacionais do grupo. Por outro lado, buscou-se relacionar a experiência vivenciada aos preceitos da economia solidária, uma vez que a comercialização do artesanato em questão se pauta nos princípios do cooperativismo.

Palavras-chave: Artesanato, Economia Solidária, Pedagogia da Autonomia, Pesquisa-Ação

Introdução

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

Dentro do contexto dos microempreendimentos brasileiros, a produção artesanal possui um espaço significativo, seja na economia formal ou informal. A produção artesanal, em alguns casos, assume traços pré-capitalistas e baseando-se em estruturas cooperativistas foge da organização capitalista tradicional. É nessa direção que se orienta o foco deste trabalho que busca analisar a comercialização de artesanato em meio urbano.

Este artigo é produto do estudo realizado a partir do acompanhamento e assessoramento de um empreendimento de economia solidária identificado e incubado pela Incubadora Tecnológica de Empreendimentos de Economia Solidária do Médio Paraíba (InTECSOL) em parceria com o grupo do Programa de Educação Tutorial – Gestão Social (PET-Gestão Social) ambos situados no campus de Volta Redonda-RJ da Universidade Federal Fluminense (UFF). Trata-se de um grupo de artesãos que se reúne mensalmente para a comercialização de seus produtos. Inaugurado em Março de 2012, o grupo denominado Encontro das Artes conta atualmente com cerca de vinte produtores individuais.

A necessidade de valorização e comercialização dos produtos, aliada ao desejo de uma melhor ocupação de um espaço público, motivou a união dos artesãos. O grupo tem seu espaço de comercialização na Praça localizada entre os bairros de Casa de Pedra e Jardim Tiradentes na cidade de Volta Redonda e é composto em sua maioria por moradores dos bairros da região.

O objetivo dessa pesquisa foi o fortalecimento da cooperação e da autonomia do grupo acima mencionado, no território destacado, à luz dos princípios da economia solidária, através da intervenção da pedagogia da autonomia, realizada de modo participativo. Para atingir esse propósito utilizou-se como base o uso da metodologia da pesquisa-ação, de acordo com as similaridades entre esta e os conceitos aplicados.

Este trabalho apresenta-se dividido em cinco partes essenciais: a) uma breve conceituação sobre as características, evolução e o surgimento da produção artesanal; b) a comercialização artesanal com base no cooperativismo, o que permite a sua conexão com a economia solidária; c) a intervenção sob a luz da pedagogia da autonomia; d) a metodologia da pesquisa-ação posta como auxiliar da pedagogia da autonomia; e) o caso da formação para incubação junto ao grupo Encontro das Artes e seus resultados iniciais, considerando os aspectos teórico-metodológicos anteriormente citados.

Breves considerações sobre o trabalho artesanal

A produção artesanal está presente em toda a história do homem. Na Antiguidade Clássica era executada no âmbito da propriedade patriarcal, sobretudo por escravos. Economicamente a sua importância tem origem no período da Idade Média, quando se torna uma das principais atividades nos embrionários meios urbanos. Antes disso, no contexto do feudalismo, os processos artesanais eram realizados pelo camponês ou pelos artesãos do castelo (SANDRONI, 1999).

É com o início da urbanização no século XII e o desenvolvimento das atividades comerciais que ocorrem as transformações na estrutura do trabalho artesanal. Nesse contexto é que surgem as denominadas corporações de ofício, onde trabalhavam mestres e aprendizes que produziam de acordo com o



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

pequeno mercado em desenvolvimento. As corporações tinham como figura central o mestre artesão que se ocupava tanto das atividades produtivas quanto da formação dos aprendizes (HUNT, 1989; SANDRONI, 1999).

Essa transformação do contexto social marca a mudança do trabalho artesanal rural para o ambiente urbano. O artesão deixa de ser camponês e começa a se dedicar exclusivamente ao trabalho artesanal voltado para o comércio. Com o aumento na demanda a partir do século XVII o artesão foi perdendo a sua liberdade a partir do aperfeiçoamento das ferramentas e técnicas de trabalho pelo capitalista (SANDRONI, 1999).

Com o fortalecimento do comércio, juntamente com o crescimento das cidades, esse sistema sofre mudanças significativas em sua estrutura de funcionamento. De acordo com Hunt (1989), esse cenário é configurado como embrionário da indústria capitalista uma vez que se inicia a transferência da propriedade dos meios de produção. Os comerciantes que já atuavam no intermédio entre os artesãos e o mercado consumidor passam a exercer o controle sobre o processo de produção a partir da aquisição das estruturas produtivas e da contratação de artesãos assalariados.

O artesão passa a ser um simples vendedor de sua força de trabalho aos comerciantes agora proprietários dos meios de produção. Nesse contexto, o artesão vai perdendo gradativamente a noção do processo produtivo como um todo. A produção vai sendo dividida em etapas a se realizar por vários trabalhadores distintos. Este processo é o início da produção industrial, denominado por Smith (1985) como divisão técnica do trabalho, uma das bases fundamentais do sistema capitalista.

Isso não significa que o artesanato deixou de existir. Ele possui relevância significativa no contexto da atual fase do capitalismo, pautado pela globalização e pelo mercado financeiro, coexistindo com as empresas capitalistas. Ele existe tanto na forma de empresa formal quanto na informalidade. De um modo geral busca a valorização de seus produtos pautada na especificidade e singularidade através de técnicas de produção que forneçam ao artesão a compreensão global do processo produtivo (DANTAS, 2003).

Acima de tudo o artesanato compreende diversas finalidades além do plano econômico ou questões financeiras. Em alguns casos pode ter como finalidade o próprio prazer individual. As pessoas que trabalham dessa forma enxergam o artesanato como fruto do seu próprio conhecimento e da sua própria produção. Conhecimento este oriundo de uma experiência de vida com determinada atividade ou mesmo adquirido de maneira formal e aprimorado ou adaptado de acordo com as particularidades e necessidades do artesão (LIMA, 2005).

De uma forma geral o artesanato pode ser conceituado como uma atividade de produção organizada em um pequeno grupo ou de maneira individual, onde os produtores são proprietários tanto dos meios de produção quanto do resultado de seu trabalho. Não se observa na produção artesanal a divisão relevante de tarefas, o produtor geralmente utiliza-se de meios de produção rudimentares, possuindo conhecimento completo sobre todas as etapas de produção. Caso exista algum tipo de divisão do trabalho, ocorre de maneira bem simples, o artesão geralmente realiza todas as etapas da



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

produção. A produção pode ser orientada tanto para o mercado quanto para o consumo próprio (SANDRONI, 1999).

A partir desse panorama, o artesanato tenta ocupar o seu espaço dentro do mercado capitalista. Para isso assume formas organizacionais diversas. Destacam-se aqui as formas organizativas pautadas na comercialização cooperativa.

Economia solidária e a comercialização de artesanato

A economia solidária tem o seu surgimento junto ao capitalismo industrial. As primeiras experiências de cooperativismo registradas estão na Grã-Bretanha no início do século XIX. A disseminação do motor a vapor e das máquinas-ferramenta geraram pobreza e desemprego. Os trabalhadores passaram a buscar trabalho e autonomia econômica através das cooperativas. A estrutura destas foi concebida a partir dos valores de igualdade e democracia oriundos do movimento operário (SINGER, 2002).

A base do capitalismo é a separação entre o trabalho e a propriedade dos meios de produção. Na empresa capitalista os meios de produção são de propriedade dos investidores, que fornecem o capital para a aquisição dos mesmos, dessa forma a sua finalidade é fornecer o maior retorno possível, o lucro em relação ao capital investido é o que busca a empresa capitalista. Assim, os investidores são aqueles que ditam os rumos da empresa capitalista (SINGER, 2002).

Na empresa solidária a propriedade do capital é exclusivamente dos trabalhadores que nela trabalham. Assim, a propriedade e o poder de comando são divididos entre todos aqueles que nela cooperam. Desta forma, capital e trabalho se fundem em um só, uma vez que não existe divisão entre proprietários e trabalhadores, são os mesmos (SINGER, 2000).

A modalidade de produção é a forma clássica de organização da empresa solidária, mas não é a única. A cooperativa de comercialização também é uma das modalidades de empreendimento solidário. Esse tipo de organização é composto por produtores individuais ou familiares (artesãos, camponeses, agentes autônomos etc.), que se organizam para efetuar a venda de seus produtos em conjunto, de forma a dar maior visibilidade aos mesmos, e/ou para realizar compras coletivas que fornecem benefícios de negociação. Em relação à comercialização nesses empreendimentos, como a produção é individual os ganhos referentes aos produtos também são, nas compras, as sobras, quando houver, geralmente são divididas entre os cooperados proporcionalmente à compra de cada um (SINGER, 2002).

A comercialização de artesanato baseada na cooperação dos artesãos apresenta-se como uma alternativa aos moldes do sistema capitalista. Comporta-se a partir de uma lógica própria, pôr dentro do âmbito capitalista. Isso ocorre pela necessidade de inserção em um mercado extremamente competitivo. A forte competição característica do sistema capitalista proporciona a exclusão dos produtos artesanais do mercado tradicional, e a comercialização em conjunto proporciona uma alternativa à esta situação. Funcionando paralelamente à produção industrial capitalista, a cooperativa de comercialização busca o fortalecimento do trabalho artesanal e a valorização de seus produtos. Trata-se, portanto, de uma lógica de comercialização oposta

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

ao convencional, pautada na cooperação e no associativismo. Porém, inserida dentro da lógica convencional totalmente oposta.

A economia solidária se insere na esfera do associativismo e da cooperação. Dessa forma, a comercialização artesanal em conjunto pode ser vista como incluída dentro da lógica da economia solidária, uma vez que possuem aspectos relacionados como: autogestão, inclusão, democracia, decisões coletivas, entre outros.

Para Singer (2004), a economia solidária não se opõe ao sistema capitalista, mas propõe uma forma de desenvolvimento mais justa em relação à repartição dos ganhos e dos prejuízos. Segundo o autor, o capitalismo atual, marcado pela flexibilização do trabalho, da produção e da comercialização, permite a coexistência da economia solidária em um mesmo contexto. Cada dia mais, o capitalismo baseado na flexibilidade proporciona uma economia cada vez mais mista, que de maneira altamente complexa combina diferentes modos de produção e comercialização.

O aspecto mais marcante e diferenciador da economia solidária para com o sistema capitalista: a autogestão, é configurada a partir da gestão democrática do empreendimento, ao contrário dos arranjos organizacionais do sistema hegemônico, pautado na heterogestão. Dessa forma, a autogestão pressupõe uma coesão significativa entre os membros do empreendimento solidário, com o intuito da tomada de decisão em conjunto e a definição dos objetivos em comum (SINGER, 2002).

Sobre a autogestão é importante ressaltar a necessidade de um esforço fora do comum por parte dos membros do empreendimento solidário, uma vez que todos devem se preocupar com aspectos gerais da organização. Essa dedicação excepcional dos trabalhadores promove uma cooperação inteligente, ao mesmo tempo que pode se tornar extremamente desgastante, pela necessidade de enfrentamento de questões conflituosas (SINGER, 2002).

Dessa forma, visualiza-se a comercialização coletiva de artesanato neste modelo organizacional participativo e autogestionário sob os moldes do associativismo e da cooperação. É no sentido de fortalecer a atuação do sujeito neste cenário e, por consequência, fortalecer o empreendimento solidário que se dirige a ênfase do item seguinte.

Autonomia e a pedagogia da autonomia

A intervenção junto ao grupo de artesãos Encontro das Artes, objeto deste trabalho, ocorreu à luz do conceito da pedagogia da autonomia, aliada aos pressupostos da economia solidária, com vistas ao fortalecimento da participação de todos os artesãos nas decisões coletivas do grupo e na busca pela autonomia.

A autonomia é um conceito que não se pode tentar compreender como algo absoluto e/ou ilimitado. Independente de sua origem etimológica, que no caso corresponde ao sentido de possuir capacidade, de dar-se sua própria lei - *autós* (por si mesmo) e *nomos* (lei) -, corresponde a uma esfera independente dentro de suas próprias delimitações, que a difere do poder dos outros e do poder coletivo. Seus limites, porém, não determinam autossuficiência, fornecem apenas a particularidade necessária para a compreensão do sujeito como ser autônomo. Heteronomia é o oposto da autonomia, configura tudo

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

aquilo que é imposto; sua origem procede de *hetero* (outro) e *nomos* (lei) (ZATTI, 2007).

O sentido de autonomia utilizado neste trabalho é aquele que se revela a partir da ideia de condição. Dessa forma, a visão sobre a autonomia aqui observada pressupõe a sua existência no mundo e não somente no consciente do sujeito. Ou seja, a construção da autonomia coexiste na busca pela consciência e pelo poder de fornecer a própria lei tanto quanto pela existência no mundo e sua capacidade e/ou poder de realizar. Desse modo, a autonomia aqui colocada jamais pode ser compreendida como autossuficiência, uma vez que não é absoluta e está tomada por condicionamentos do mundo (ZATTI, 2007).

O inverso da autonomia é heteronomia, se a primeira é a condição que configura a própria lei, a segunda é a lei determinada por um corpo estranho. A autonomia pressupõe de antemão determinada existência como condição para que o sujeito execute sua determinação (LALANDE, 1999 apud ZATTI, 2007). Escassez de recursos, vulnerabilidade e ignorância são condições que fracionam e até anulam a autonomia, dessa forma caracterizados como heteronomia (ZATTI, 2007).

O conceito de autonomia aqui observado parte da explanação de Vicente Zatti (2007) sobre o pensamento de Emanuel Kant e o sentido de autonomia proposto por este. Segundo o autor, para compreensão da autonomia em Kant é preciso entender o ser humano a partir da sua totalidade, compreendendo algo mais amplo do que a racionalidade instrumental.

À medida que a vontade não é simplesmente submetida às leis, uma vez que ela mesma é autora, ela se configura de forma autônoma. O princípio desta autonomia é o imperativo categórico que em seu próprio sentido carrega a ideia de norma moral universal, isenta de interesse, que em sua própria essência carrega o dever de obediência (KANT, 1974 apud ZATTI, 2007).

A que interessa para este trabalho é a visão observada de Vicente Zatti sobre as visões de autonomia de Kant e Paulo Freire aplicadas ao contexto da educação. Zatti (2007) ressalta que Kant não foi um estudioso da educação mas se interessou e produziu significativamente na área, resultando inclusive em um conjunto de artigos publicado sobre o título em português *Sobre a Pedagogia*. Essa obra propõe a educação com o objetivo de formar para a autonomia.

É pelo fato do homem nascer um nada, por não ter instintos que lhe determinem, que ele precisa ser formado pela educação, precisa de sua própria razão para se tornar homem. Nesse sentido, o objetivo principal da educação será educar para a autonomia, para que se possa fazer uso livre da própria razão. Se objetivarmos uma educação para a autonomia, temos que entendê-la como formação, como processo percorrido, realizado pelo próprio homem (ZATTI, 2007).

Nesse contexto, a ação educacional deve ser orientada a partir da experiência. Os princípios norteadores dessa educação são apoiados na experiência, renegando o caráter puramente mecânico do raciocínio puro. A pedagogia kantiana propõe a formação de sujeitos autônomos através da união de lições da experiência e projetos da razão (ZATTI, 2007).

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

A autonomia de Kant pressupõe que o homem obedeça a uma norma universal fundada em sua própria razão. Para isso necessita dos princípios supracitados em equilíbrio, pois caso haja embasamento exacerbado na realidade a experiência falta de autonomia e quando baseado apenas no raciocínio puro não fornece condições de superação dos fatores de heteronomia. Esse processo pressupõe a existência do homem livre, já que a liberdade é fator fundamental para a educação: somente o sujeito livre pode ser educado. A educação possui a tarefa central de orientar o ser que não possui essência determinada, mas é livre pra optar por diferentes caminhos (ZATTI, 2007).

De maneira geral, a proposta kantiana propõe que o homem pense por si mesmo. Pensar por si mesmo não significa riqueza de conhecimentos e sim beber da própria razão do ser e questionar-se quanto à universalidade da regra e as condições que a influenciam. Verificar a possibilidade da aplicação de uma regra de razão própria aplicada como princípio universal. A partir dessa aplicação continua da filosofia kantiana que se identifica a busca moral pela moralização da ação humana através de um processo racional.

Esse é um trabalho penoso e demorado, pois há muitos obstáculos que dificultam a realização dessa educação. No entanto, em Kant, é esse exame para ver se a própria máxima pode ser um princípio universal que garante a autonomia (ZATTI, 2007).

A autonomia para Kant se configura quando o sujeito pensa por si mesmo e através da liberdade de pensar cria a capacidade de agir de forma livre. O grande desafio proposto pela filosofia kantiana, portanto, se caracteriza pela educação do sujeito objetivando sua vida racional.

Para que os educandos possam se tornar seres autônomos, se faz necessário uma educação que forneça contextos formativos adequados à realidade. Na medida em que a autonomia proposta aos educandos - mesmo sendo esta um fator humano essencial - não é algo inerente à sua natureza, esta será obtida através de um processo de conquista e construção a partir da própria liberdade, decisões e vivências (ZATTI, 2007).

A temática da autonomia em Paulo Freire possui um caráter sócio-político-pedagógico. Ela é, portanto, característica de uma pessoa ou de um povo que tenha conquistado a liberdade de determinação a partir do fim de determinada condição sócio-histórica que a anulava ou restringia. Esse processo se consolida a partir do rompimento com estruturas opressoras. Essa libertação através da autonomia pressupõe indivíduos conscientes e ativos, que além da liberdade de pensar e da capacidade de guiar-se pela própria razão possuam a capacidade de realização, que é conquistada através da conscientização e da vontade de intervenção (ZATTI, 2007).

A grande proposta da teoria pedagógica de Freire é a libertação dos oprimidos. Tal libertação ocorre pela busca da autonomia. A autonomia, como dito anteriormente, é conquistada através de uma autoconfiguração do indivíduo, ao se enxergar inserido na realidade e compreender as condições impostas pelo ambiente. O sujeito suprime condições que limitam a sua autonomia através de um processo de fazer-se autônomo através da responsabilização gerada pela autoconfiguração. Ocorre dessa forma uma

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

relação entre liberdade e autonomia. Na medida em que o indivíduo se liberta de condições opressoras aumenta a capacidade de determinar a si mesmo e conseqüentemente aumenta a capacidade de ser autônomo (ZATTI, 2007).

O processo de construção da autonomia passa, portanto, pela conscientização do indivíduo. É necessário, para a libertação e para a construção da autonomia um conhecimento acerca das barreiras que impossibilitam a transformação do mundo e a superação das condições de heteronomia. O homem por sua própria natureza possui a capacidade de conhecer o mundo através do distanciamento que proporciona uma objetificação. Porém, o simples conhecimento do mundo a partir do distanciamento não proporciona uma tomada de posição crítica e sim apenas uma tomada de consciência. A conscientização de fato não existe fora da ação prática. Essa implica em uma transformação do mundo baseada na relação entre consciência e mundo. Os sujeitos criam a sua própria existência a partir daquilo que o mundo disponibiliza, gerando uma inserção crítica na história (ZATTI, 2007).

Dessa forma, Freire (1996) propõe uma educação que forneça caminhos para que o aluno se torne sujeito e conquiste a sua autonomia através de uma proposta pedagógica oposta à educação bancária, que não veja os alunos como depósitos de conteúdo, superando a ideia de aluno passivo e professor sujeito. Para isso, é necessária uma concepção dialógica que proponha a problematização. O diálogo é o propulsor da autonomia.

Para que a educação promova no educando a autonomia é essencial que ela seja dialógica, pois assim há espaço para que o educando seja sujeito, para que ele mesmo assuma responsavelmente sua liberdade e, com a ajuda do educador, possa fazer-se em seu processo de formação (ZATTI, 2007).

O diálogo é um dos eixos principais e fundadores da teoria pedagógica de Freire. Fincado na existência do ser, o diálogo nasce na prática de liberdade e está comprometido com a vida, pois funda-se em seu contexto histórico. O diálogo é essencial em uma educação que se proponha libertadora, a partir da compreensão deste como fenômeno humano. No diálogo é possível observar as dimensões de ação e reflexão inerentes à construção da autonomia (ZATTI, 2007).

Tanto na visão de Kant quanto na visão de Freire acerca da autonomia coexiste a ideia de que na capacidade e possibilidade do sujeito de superar as condições de heteronomia e de determinar a sua própria vida de maneira autônoma a educação tem papel fundamental (ZATTI, 2007).

Os autores em questão possuem concepções em comum sobre razão, sujeito e dignidade humana. Nesse caso, a razão é compreendida a partir de uma visão mais ampla do que simplesmente a razão econômica instrumental. A razão é observada em sua totalidade, que possivelmente promove autonomia e humanidade através de uma consciência crítica que desvele as condições de heteronomia e forneça condições para a práxis transformadora de emancipação do indivíduo. O sujeito é visto pelos autores como sujeito ativo, ciente de suas responsabilidades, capaz de transformar as situações de opressão, alienação e ignorância através do combate às heteronomias. Freire adiciona a esse conceito o elemento do diálogo inerente à constituição da

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

subjetividade do sujeito. O homem é visto como um fim em si mesmo, o seu valor é inerente à sua existência e com isso constitui a ideia e dignidade humana (ZATTI, 2007).

Os esforços de intervenção dos pesquisadores junto ao grupo de artesãos Encontro das Artes, desde o início, foram organizados a partir da visão sobre a necessidade de autonomia do grupo. O trabalho de incubação realizado pela Incubadora Tecnológica de Empreendimentos de Economia Solidária do Médio Paraíba orientou-se dessa forma desde a formação da equipe de acompanhamento, por meio da aplicação de metodologias não convencionais, detalhado, mais especificamente, na seção deste trabalho que descreve o início do acompanhamento do grupo.

Metodologia

Considerando a comercialização artesanal coletiva sob os contornos organizacionais pressupostos pela economia solidária, faz-se necessária a utilização de metodologias participativas. Dessa forma, através da intervenção da pedagogia da autonomia voltada para o fortalecimento do grupo, utilizou-se a metodologia da pesquisa-ação.

Cabe aqui nesta seção algumas breves considerações sobre o uso da dita metodologia com o intuito de promoção da participação. A exemplo de trabalhos de pesquisa que pretendem empreender ações junto à comunidade, a literatura específica deste campo apresenta as metodologias participativas, como correntemente utilizadas nos meios sociais. Dentre essas metodologias, este trabalho optou pela a utilização da pesquisa-ação. A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2008).

Esta visão metodológica foi aplicada por conta dos objetivos dos pesquisadores em relação ao objeto de estudo, estes pretendiam a realização de ações ao longo do processo de pesquisa. Dessa forma, a pesquisa-ação forneceu elementos mais adequados do que os outros métodos de pesquisa participante, uma vez que esta pressupõe a promoção de uma ação.

Tal metodologia de pesquisa se desenvolve de forma participativa, juntamente com os envolvidos na ação. Os pesquisadores atuam de forma distinta da pesquisa convencional, configurando-se como atores desse processo (THIOLLENT, 2008).

Dessa forma, com base nesta metodologia, aliada aos conceitos de economia solidária e a pedagogia da autonomia, desenvolveu-se o trabalho de pesquisa detalhado a seguir.

Formação para a incubação e a assessoria ao grupo de comercialização em conjunto de artesanato Encontro das Artes em Volta Redonda-RJ

Nesta seção apresenta-se a experiência de incubação de um empreendimento econômico solidário do setor de artesanato, que tem como característica principal a comercialização coletiva a partir da ocupação de um



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

espaço público. O empreendimento em questão é conhecido como Encontro das Artes e tem seu espaço de ocupação na Praça localizada entre os bairros Casa de Pedra e Jardim Tiradentes em Volta Redonda, Estado do Rio de Janeiro. As feiras do grupo são realizadas mensalmente, sempre no segundo sábado do mês, no horário das dez às dezessete horas. Atualmente conta com um conjunto de cerca de vinte artesãos, porém ao longo do seu processo de formação o número de componentes já variou entre sete e vinte cinco membros.

A cidade de Volta Redonda tem sua origem vinculada à implantação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em 1941, e a cidade conta atualmente com 257.803 habitantes. A partir da presença da CSN, a cidade configurou-se como uma cidade industrial, tanto pelo relacionamento direto com a Companhia quanto pela formação de um conjunto de indústrias do setor metal-mecânico fornecedoras ou clientes da CSN. Assim como em diversas outras áreas do País, configuradas a partir do modelo industrial urbano, Volta Redonda compreende uma parcela da sua população sem qualificação e em situação de vulnerabilidade social, devido à dificuldade de inserir-se formalmente no mercado de trabalho.

A natureza do trabalho no setor industrial mecânico possui ainda uma maior impacto sobre a parcela feminina da parcela da população em situação de vulnerabilidade, uma vez que a maioria dos postos de trabalho do setor é destinada aos homens. Outro fator relevante sobre as características da população de Volta Redonda é a grande parcela de aposentados na cidade, o histórico de trabalho na indústria siderúrgica proporciona a possibilidade de obtenção do benefício da aposentadoria ao atingir uma idade abaixo do usualmente exigido pelo Instituto de Seguridade Social (INSS) devido às questões de periculosidade e insalubridade que a natureza do trabalho industrial proporciona.

O grupo Encontro das Artes possui algumas características relacionadas com esse contexto histórico, social e econômico do município. Inicialmente o fator de união do grupo foi a proximidade de residência e a vocação em comum para o trabalho artesanal. A maioria dos membros possui residência entre os bairros Casa de Pedra e Jardim Tiradentes, em Volta Redonda. A vocação pelo trabalho artesanal, em sua maioria na produção de artefatos a partir de retalhos de panos descartados pelo comércio, proporcionou a união dos membros do grupo a partir de encontros realizados com o intuito da partilha de conhecimentos e técnicas sobre a especificidade deste trabalho.

Partindo desses encontros e da dificuldade de inserção destes produtos no mercado formal, surgiu a ideia da comercialização em conjunto. Outro fator motivador da união do grupo foi o sentimento mútuo de uma necessidade de ocupação da Praça onde hoje se realizam as feiras. Muitos participantes do grupo possuem uma relação de afeto com o espaço, por fazer parte da sua região de residência e pela beleza específica do local, configurado por amplos espaços de convivência. Além destes aspectos, as conexões no grupo são reforçadas a partir de uma relação de afeto considerável entre os membros, pois é notório no grupo o prazer obtido na simples convivência mensal dos membros. Outra característica subjetiva do grupo são os motivos pela escolha do trabalho artesanal como ocupação integral ou parcial.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

É nítido que a racionalidade econômica instrumental está presente nesse contexto, já que todos acreditam na remuneração justa pelos produtos de acordo com as suas especificidades artesanais, peças únicas, invariavelmente feitas por encomenda e que demandam um trabalho árduo em sua produção. Porém, todos os membros do grupo apontam o retorno subjetivo obtido através da ocupação com a produção artesanal. Muitos são aposentados e que após muitos anos de trabalho formal vislumbraram a possibilidade de ocupação satisfatória no artesanato em combate à ociosidade e até mesmo à depressão. Eles apontaram que o trabalho artesanal proporcionou um novo sentido para a sua vida a partir da visão de utilidade pessoal presente no trabalho como prática humana.

O início dos encontros do grupo foi marcado por diversas dificuldades em relação à estrutura de exposição dos produtos. Eram necessárias mesas para a apresentação dos produtos, bem como a instalação de barracas com o intuito de proteger artesãos e produtos das condições do ambiente, sol e chuva. De frente a essa dificuldade o grupo buscou uma alternativa autogestionária. A partir de uma reunião colegiada, optaram pelo aluguel de mesas e barracas em conjunto, visando a diminuição dos custos. Além dessa ação, o grupo definiu como fonte de subsidio dos custos relacionados à feira uma contribuição individual por artesão para cada encontro participado. Posteriormente constitui-se um fundo com as sobras de tais contribuições, que mais tarde seria utilizado em ações de propaganda do empreendimento.

A partir da observação destas características do grupo e da participação deste nos dois Seminários de Economia Solidária do Médio Paraíba (SESMEP) realizados pelo Programa de Educação Tutorial – Gestão Social em parceria com outros órgãos de apoio e fomento da região, identificou-se o empreendimento como uma prática efetiva de economia solidária no contexto urbano de Volta Redonda. A partir dessa identificação iniciou-se os trabalhos de envolvimento entre o grupo PET-Gestão Social e os membros do grupo. Posteriormente a apresentação deste empreendimento na proposta de criação da Incubadora Tecnológica de Empreendimentos de Economia Solidária do Médio Paraíba foi aprovada e financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq). Com isso iniciaram-se os trabalhos de formação da equipe de assessoria e após essa formação o acompanhamento do grupo de artesãos.

É nesse contexto que se configura o estudo realizado por esta pesquisa-ação relatado neste texto. A pedagogia da autonomia foi utilizada tanto na formação da equipe da incubadora quanto no acompanhamento do grupo através da utilização de metodologias de ensino não convencionais, com ênfase na autogestão característica da economia solidária. As ações aqui observadas tiveram como foco o fortalecimento das práticas educativas do grupo e o fortalecimento para a autonomia, voltada para a formalização do grupo em formato de associação. Cabe aqui apresentar os resultados iniciais relevantes obtidos a partir de tais ações. Primeiramente nas reuniões de formação da equipe e posteriormente no acompanhamento do grupo. Com o intuito de sistematizar a formulação própria de uma metodologia participativa não convencional.

Existem várias formas de se obter um diagnóstico e um planejamento participativo de maneira a compreender o cenário a partir dos conhecimentos e



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

experiências do grupo ou de indivíduos. Porém, a utilização de tais metodologias por si só não garante que o processo de tomada de decisão seja efetuado de forma realmente participativa. Para isso é necessário um esforço constante em manter-se os consensos e explicitar os desacordos, dessa forma a capacidade de condução do processo possui papel central. O caráter dialógico do percurso possui uma relevância maior do que a dimensão técnica. (ABEGÃO, DELAMARO e CAMPOS, 2002)

É neste sentido, da formulação de um processo realmente dialógico, que se orienta os esforços de adequação da pedagogia da autonomia aos procedimentos metodológicos de incubação utilizados. O diálogo é inerente tanto à busca e fortalecimento da economia solidária e da autogestão quanto na obtenção de autonomia conforme descritos nas seções anteriores.

A formação da equipe da Intecsol foi proposta a partir de um conjunto de oficinas nas quais foram trabalhos, em cada encontro, um tema específico e uma metodologia participativa. Todos os temas e metodologias foram selecionados de acordo com os objetivos de incubação identificados pelos próprios membros da equipe. A autogestão, característica da economia solidária, marcou presença desde o início desses trabalhos. Tais oficinas foram realizadas em parceria entre os membros do grupo PET e da Intecsol. Com o intuito do fortalecimento da autonomia dos membros da equipe de incubação e posteriormente dos empreendimentos incubados o caráter dialógico esteve presente em todas as etapas do processo.

Os membros foram autonomamente divididos em quatro grupos que se revezaram em quatro funções básicas durante a realização das oficinas. A saber: a) apresentar o tema e animar a discussão; b) propor e conduzir uma dinâmica dialógica participativa; c) preparar e oferecer um lanche ao final de cada oficina; d) realizar um breve registro das atividades do dia e das considerações do grupo. Todas as funções foram revezadas entre os grupos em cada encontro. Foram realizadas nesse primeiro momento um conjunto de nivelamento de oito oficinas a partir da formulação dos seguintes temas: pobreza e desigualdade social; o movimento de Economia Solidária e suas formas de articulação; a política pública de Economia Solidária; as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares e suas metodologias; empreendimentos de economia solidária: aspectos legais e fiscais; os desafios da autogestão: as relações interpessoais e racionalidade econômica; indicadores sociais aplicados a economia solidária.

Após o processo de formação, os grupos foram alocados de acordo com as preferências pessoais de seus membros em relação aos empreendimentos incubados. O grupo destinado ao acompanhamento dos artesãos do bairro Casa de Pedra iniciou seus trabalhos com uma oficina de avaliação junto aos membros do grupo. A partir dos objetivos de incubação descritos anteriormente o grupo de artesãos decidiu pelo fortalecimento através da revisão das regras pertinentes ao grupo e a transformação destas em um estatuto com vistas à formalização do empreendimento de caráter associativo. Tal formalização era um desejo latente do grupo, era visto como uma possibilidade de valorização perante a sociedade e ao poder público. A valorização perante ao poder público era vislumbrada como uma ponte para a obtenção de apoio operacional da prefeitura, visto que o grupo, além de fomentar a cultura local, propicia a



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

valorização do espaço público a partir da sua ocupação, dando-lhe novos sentidos.

Esse processo demandou um árduo trabalho de conciliação entre os membros e um esforço contínuo por parte dos pesquisadores em manter os consensos alcançados e explicitar as divergências de opinião. Apesar dos vínculos pessoais e sentimentais entre os membros do grupo de artesãos as discussões sobre os termos do regulamento geraram conflitos consideráveis. Apesar dos conflitos, direcionamentos importantes sobre o grupo, que até então eram meramente diretrizes, foram aceitas e incorporadas pelos membros.

Dentre esses direcionamentos destacaram-se, por exemplo, que a incorporação de novos membros deve passar por uma avaliação de uma comissão eleita por todos com o intuito de avaliar se o trabalho realizado é realmente de cunho artesanal e se não existem trabalhos similares dentre os membros do grupo. Outra definição importante foi justamente nessa mesma direção, com o intuito de não proporcionar a concorrência e o possível desgaste entre membros ficou definido em regulamento que produtos ofertados no Encontro das Artes não concorreriam entre si, ficando proibida a aceitação de novos membros com produtos similares aos já existentes. Outro ponto de forte discussão foi a questão sobre a presença dos artesãos no momento da venda, pois era comum a colocação de um terceiro para realizar as vendas e isto era visto por muitos como uma desvalorização do empreendimento como um todo. As pessoas postas com a função de venda não conheciam o processo de produção e eram vistos por muitos membros a partir de um viés estritamente comercial e que segundo os mesmos não atendiam aos interesses do grupo. A definição dessa proibição foi outro ponto de grande avanço e fortes conflitos. Dentre os pontos conflitantes, a questão da padronização de mesas e barracas também foi considerável, na medida em que alguns artesãos já possuíam mesas e barracas próprias e pretendiam se isentar do pagamento da contribuição. Ficou definido no estatuto que era necessária uma padronização por conta da imagem do Encontro das Artes como um todo, já que um dos diferenciais e atrativos do grupo está na localização privilegiada da Praça, ao lado de uma rodovia com bastante movimento. A padronização de mesas e barracas era visto como um fortalecimento da imagem do grupo e um atrativo para possíveis clientes que se encontravam deslocando-se pela estrada. Este foi outro ponto definido no Estatuto. As definições destas questões no Estatuto a partir da própria visão dos artesãos proporcionou um grande consenso sobre elas. Até então não se tinha discutido a fundo essas questões e em todos os momentos em que se reuniam para a comercialização de seus produtos tais divergências vinham à tona.

Por conta do relacionamento pessoal entre os membros do grupo de artesãos, os momentos de discussão do estatuto eram marcados por fortes tensões, e isso gerou uma grande preocupação por parte dos pesquisadores. Com isso buscou-se alternativas para diminuir o desgaste com as discussões. A forma encontrada pelo grupo de pesquisadores foi de alternar momentos de formulação de decisões com dinâmicas participativas que visavam o autoconhecimento do grupo e o fortalecimento dos vínculos já existentes. Nessas ocasiões, o vínculo que mais se destacou como fortalecedor do grupo



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

foram os momentos de partilha de conhecimento sobre as práticas artesanais. Foi possível observar muitas vezes momentos de descontração e divertimento e até mesmo de criação de novos produtos a partir do intercâmbio de técnicas e processos de produção.

Após esse período se observou um fortalecimento considerável do grupo e uma diminuição dos conflitos internos. As questões definidas em estatuto não foram mais questionadas. A partir da sua definição os desgastes recorrentes das mesmas deixaram de existir. Outro avanço importante em relação ao grupo como um todo foi em relação a sua postura perante o poder público local. O grupo deixou de atuar passivamente a espera de um apoio da Prefeitura para a realização de suas atividades. Passou a agir ativamente e está em processo de formulação de um plano de revitalização da Praça com o intuito de fornecer uma melhor estrutura para os encontros mensais e um espaço para as atividades culturais recorrentes de parcerias com artistas locais. Outro avanço considerado relevante pelo grupo de pesquisadores da Intecsol foi a criação de um local fixo de aprendizagem em artesanato durante a realização do encontro para a comercialização. O denominado “Cantinho das Artes” foi elaborado para a oferta de oficinas em artesanato mensalmente, dividido em temáticas, onde em cada mês um dos artesãos ministra a oficina geralmente para crianças e aposentados dos bairros vizinhos.

Mesmo com todas as dificuldades, principalmente em relação às tomadas de decisão autogestionárias, os resultados iniciais do projeto foram considerados satisfatórios, visto que as principais questões colocadas pelos artesãos foram solucionadas e o processo de solução, da maneira autogestionária que foi colocado forneceu um considerável fortalecimento do grupo. Uma vez que os artesãos se enxergaram, realmente, como parte do grupo e responsável por este, as relações se fortaleceram e mesmo em face das difíceis condições econômicas que o país atravessa, o que faz com que em determinados encontros a contribuição dos membros seja maior do que os lucros obtidos com as vendas, o grupo se mantém unido.

Conclusão

Apesar de se tratar de um trabalho de pesquisa ainda em andamento é possível apresentar os seus resultados preliminares. Este trabalho aponta algumas considerações sobre os esforços de formação da equipe de incubação da Intecsol e o posterior início do acompanhamento do grupo de artesãos Encontro das Artes.

Verificou-se ao longo do processo de pesquisa realizado pela Intecsol e financiado pelo CNPq, primeiramente em seu próprio processo de formação da equipe de trabalho e posteriormente junto ao acima citado grupo de artesãos, que a metodologia da pesquisa-ação, aliada ao conceito de pedagogia da autonomia, com vistas ao fortalecimento da autogestão, vem apresentando resultados satisfatórios. Isso porque fornece elementos de identificação dos membros com o projeto em desenvolvimento e um conseqüente aumento na participação dos mesmos.

As atividades do grupo de artesãos Encontro das Artes identificadas inicialmente pelo grupo PET-Gestão Social da UFF-VR foram compreendidas a partir da visão de um microempreendimento cooperativo, por isto foi



BACHARELADO EM
ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

relacionado à economia solidária. Suas próprias ações baseadas na igualdade entre os membros e no cooperativismo, bem como a repartição de ganhos e prejuízos, sejam materiais ou morais, o configuraram dessa forma.

No contexto da formalização do grupo como atividade associativa, foram observados conflitos consideráveis, porém após a superação destes o grupo permanece fortalecido em seus objetivos. Foi possível observar ainda uma ampliação dos horizontes a partir dos próprios desejos dos membros do grupo. Fica aqui o espaço para novas indagações e pesquisas na temática abordada neste trabalho. Ainda é inconclusivo se o grupo irá alcançar a formalização tão desejada, bem como a revitalização da praça e o reconhecimento por parte da Prefeitura como espaço de produção cultural. Da mesma forma este trabalho é incapaz de determinar quais serão os rumos do grupo após o período inicial de acompanhamento e incubação realizado pela Intecsol.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEGÃO, L. H.; DELAMARO, M. C. ; CAMPOS, A. M.. Planejamento de Projetos Sociais: dicas, técnicas e metodologias. In: **Cadernos da Oficina Social**. Rio de Janeiro: COEP, v. 1, n.9, p. 13-57, 2002.

DANTAS, L. C. **Desenvolvimento local e valorização de produtos dos engenhos de cana-de-açúcar em base territorial**: o caso do Brejo Paraibano. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Cortez, 1996.

HUNT, E. K. **História do pensamento econômico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2008. Disponível em: <<http://ibge.org.br>>. Acesso em 22 fev. 2016

KANT, I. Fundamentação da Metafísica dos Costumes. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

LALANDE, A. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999

LIMA, R. Artesanato de tradição: cinco pontos em discussão. **Cadernos ArteSol**. São Paulo: Rede Artesol, jul. 2005.



TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – ARTIGO CIENTÍFICO

SANDRONI, P. **Novíssimo dicionário de economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.

SINGER, P. Desenvolvimento capitalista e desenvolvimento solidário. In: **Estudos avançados**. Vol.18, n.51, p.7-22, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n51/a01v1851.pdf>>. Acesso em: 22 jan.2016.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Org.). **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

SMITH, A. **A riqueza das nações**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

THIOLLENT, M. J. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ZATTI, V. **A educação para a autonomia em Immanuel Kant e Paulo Freire**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.